

# FORÇA-TAREFA SMITH Uma Nova Visão

Tenente-Coronel (Res) Joseph G. D. Babb, Exército dos EUA

“CHEGA DE FORÇAS-TAREFA *Smith*”. O ex-Chefe do Estado-Maior do Exército, General Gordon R. Sullivan escolheu este tema para o Exército da década de 90, referindo-se à pequena força mal preparada e mal equipada, cujo intrépido esforço não foi capaz de deter as hordas norte-coreanas em uma guerra que eclodiu após a maior redução de forças na história dos EUA.<sup>1</sup>

Ironicamente o número de divisões da ativa — 10 — quando o General Sullivan passou para a reserva, era o mesmo existente quando do início da Guerra da Coreia em 1950. A divisão que preparou e desdobrou a FT *Smith*, a 24ª Divisão de Infantaria, foi desativada no início da década de 90 e reativada em conjunto com a 7ª Divisão de Infantaria, como resultado da decisão do Exército de acrescentar mais duas divisões às dez já existentes.<sup>2</sup> O Exército entra no ano 2000 com unidades desdobradas na Bósnia e Kosovo, uma década após o fim da Guerra Fria e 50 anos após o fim da Guerra da Coreia, ao mesmo tempo em que continua o acalorado debate sobre a adequada organização do Exército, o equipamento mais necessário, o pessoal requerido e seu papel correspondente.

Embora seja possível afirmar que o desastre sofrido na Coreia, em 1950, pode ser atribuído aos problemas tradicionalmente associados com o aprestamento militar — incluindo deficiências de pessoal, adestramento e equipamento — tais defeitos, em geral, parecem ter sido evitados atualmente. Não obstante um menor número de solicitações para a redução tanto do efetivo como do orçamento, é pouco provável que desapareçam, em um futuro próximo, as exigências de mudanças nas funções e missões do Exército. A realidade é que será necessário reduzir o orçamento destinado aos recursos humanos para poder custear os gastos incorridos no processo de modernização. Neste momento, em que o General Eric

K. Shinseki assume a liderança do Exército, as valiosas lições da FT *Smith* merecem ser revistas.<sup>3</sup> Os deveres e as missões do Exército no Japão, durante o período da ocupação, têm paralelos com as missões ocorridas na Bósnia e Kosovo.

A FT *Smith* é, com freqüência, considerada como um fracasso no âmbito da preparação tática. No entanto, para a segurança nacional dos Estados Unidos, a longo prazo, a ocupação do Japão provavelmente pode ser classificada como um grande êxito, pois o Japão continua sendo nosso principal aliado na Ásia até hoje. Os líderes militares contemporâneos enfrentam situações e opções paralelas, nos seus esforços para configurar e manter o componente terrestre da única superpotência, que tem interesses nacionais em todo o mundo.

O Exército tem que se manter preparado para “travar e vencer as guerras da Nação”; contudo, ao mesmo tempo também deve ter condições de conduzir outras missões em apoio aos objetivos de segurança nacional.<sup>4</sup> O verdadeiro debate sobre o futuro papel do Exército não deveria centralizar-se na necessidade relativa de preparar-se para conduzir missões de guerra, operações de não guerra ou de estabilidade e apoio. As deliberações e decisões devem considerar como fazer para desdobrar suficiente tropas, proporcionar o adestramento necessário, obter o equipamento adequado, organizar e planejar todas as missões designadas pela Autoridade do Comando Nacional (*National Command Authorities* — *NCA*). Reavaliando a FT *Smith*, o presente artigo revisa, de forma sucinta, não apenas os elementos de aprestamento relativos ao pessoal, adestramento e equipamento, mas também estuda os fatores do ambiente estratégico, a liderança e o moral, bem como os efeitos das missões não tradicionais conduzidas pelo Exército durante a ocupação do Japão.

A presente avaliação deve ser feita em todos os três

níveis: o estratégico (em Washington DC), o operacional (em Tóquio e Seul) e o tático (a zona de ocupação e o campo de batalha). O Exército norte-americano no período pós-Guerra Fria, pós-*Desert Storm*, assim como nos anos posteriores à II Guerra Mundial, encontra-se na obrigação de cumprir deveres militares em ambientes de não guerra. O Exército já recebeu a tarefa de conduzir ou apoiar operações humanitárias, de imposição da paz e de consolidação da paz, realizadas de forma unilateral, por coalizões, ou auspiciadas pela ONU em países tão díspares como o Iraque, Somália, Ruanda, Haiti, Bósnia e, recentemente, em Kosovo e Timor Leste.<sup>5</sup> Tanto a situação atual como os resultados destas operações são contraditórios e controvertidos. No entanto, o papel e o desempenho das Forças Armadas no Japão e na Coreia depois da II GM não eram menos controvertidos em sua época. O fato de não haver eclodido nenhum conflito de maior envergadura, nem na Coreia nem em Taiwan, indica que o preço da paz é a presença e a paciência dos EUA.

O presente artigo analisa a ocupação do Japão nos anos que precederam à Guerra da Coreia, estudando especificamente a orientação estratégica, a organização militar e a liderança que, conjuntamente, formaram, designaram e desdobraram a FT *Smith* para realizar ações contra o Exército Popular da Coreia do Norte. A FT *Smith*, que levou o nome do Tenente-Coronel Charles B. (Brad) *Smith*, foi o elemento avançado da 24ª Divisão de Infantaria, do VIII Exército dos EUA, e a primeira unidade de combate norte-americana designada pelo General Douglas MacArthur para realizar “ação policial” na Coreia, no mês de julho de 1950.

Segundo afirma Roy K. Flint, “as derrotas táticas sofridas pelos oficiais e integrantes da 24ª Divisão tinham raízes no fracasso do Exército — e não somente das divisões no Japão — em se preparar, durante tempo de paz, para a guerra”.<sup>6</sup> Este artigo identifica as missões e os deveres das unidades do Exército norte-americano que integravam a força de ocupação do Japão, analisa sua condição de aprestamento para a guerra, estuda as ações da FT *Smith* nos dias iniciais da Guerra da Coreia e examina as lições aprendidas de suas experiências. Ainda mais significativa, este artigo estabelece vários paralelos entre o Exército de 1945-1950 e o de 1995-2000, e propõe algumas considerações e conclusões baseadas nas lições tiradas da ocupação do Japão e das operações de combate conduzidas pela FT *Smith*.

## A Ocupação do Japão

No dia 28 de agosto de 1945, os primeiros soldados norte-americanos foram deslocados para as ilhas do Japão para preparar a chegada das forças de ocupação. MacArthur, nomeado Comandante Supremo das Potências Aliadas, chegou no dia 30 do mesmo mês

para implementar a primeira Diretriz Básica Inicial de pós-Rendição.<sup>7</sup> Este documento requeria a condução do mesmo tipo de operações humanitárias, de desenvolvimento nacional e de segurança como as que o Exército está realizando na atualidade. Também atribuiu ao Comandante Supremo das Potências Aliadas (termo também aplicado ao QG) a missão de desmilitarizar e democratizar a nação japonesa. Os objetivos enumerados no referido documento, embora um pouco extensos, são muito ilustrativos, especialmente quando comparados com os mandatos da ONU para o Exército implementar, tanto nas operações atualmente em desenvolvimento como nas recentemente finalizadas:

“O objetivo da ONU a respeito do Japão é fomentar as condições que nos darão a maior confiança possível de que esse país jamais se constitua em uma ameaça à paz e a segurança do mundo, permitindo sua eventual

*Embora seja possível afirmar que o desastre sofrido na Coreia, em 1950, pode ser atribuído aos problemas tradicionalmente associados com o aprestamento militar — incluindo deficiências de pessoal, adestramento e equipamento — tais defeitos, em geral, parecem ter sido evitados atualmente. Não obstante um menor número de solicitações para a redução tanto do efetivo como do orçamento, é pouco provável que desapareçam, em um futuro próximo, as exigências de mudanças nas funções e missões do Exército.*

integração como membro responsável e pacífico da família de nações. Certas medidas consideradas essenciais para a obtenção do referido objetivo foram incluídas expressamente na Declaração de Postdam. Tais medidas incluem, entre outras, o cumprimento da Declaração do Cairo e a limitação da soberania japonesa às quatro ilhas principais e outras ilhas menores determinadas pelas Potências Aliadas; a abolição do militarismo e do ultranacionalismo em todas as suas formas; o desarmamento e a desmilitarização do Japão, mantendo o controle sobre a capacidade desta nação para fazer a guerra; o fortalecimento das tendências e processos democráticos nas instituições governamentais, econômicas e sociais, e a promoção e o apoio a tendências políticas liberais no Japão. Os Estados Unidos gostariam que o governo japonês aquiescesse tanto quanto possível aos princípios do autogoverno democrático, apesar de não caber às forças de ocupação impor uma forma de governo ao Japão que não tenha o apoio da vontade livremente expressa pela população.”<sup>8</sup>

As diretrizes e políticas gerais para a ocupação da Europa e do Japão foram estabelecidas pelos principais aliados representados na Conferência do Cairo em 1943. Os planejadores militares em Washington haviam participado como membros-chave de uma equipe encarregada de estudar os problemas de pós-guerra, desde os primeiros dias da mesma. Em princípios de 1942, funcionários do Departamento de Estado, planejadores militares e peritos nas regiões em questão, começaram a formular planos para o pós-guerra, embora esse esforço fosse realizado de forma relativamente improvisada. Entretanto, no princípio de 1945, foi formado um Comitê de Coordenação composto por integrantes dos Departamentos de Estado, Guerra e Marinha, encarregado de preparar uma análise de todas as agências que participariam nas atividades aliadas na Alemanha e Japão de pós-guerra e de resolver qual deveria ser a contribuição

*Neste ambiente tumultuado e com diretrizes contraditórias, o General MacArthur, conhecedor da política do Pacífico, adotou uma grande liberdade de ação na interpretação do seu mandato. Imediatamente começou a fazer sentir sua presença através da condução de atividades de auxílio humanitário, cuidando dos milhares de prisioneiros de guerra aliados, desmobilizando as FA japonesas, organizando tribunais de crimes de guerra e instaurando um governo cívico-militar. A tarefa era imensa, politicamente sensível e dinâmica.*

de cada uma delas na adoção das políticas estabelecidas.<sup>9</sup> Por que razão a cooperação e o planejamento interagências devem ser considerados problemas tão controversos que levaram a uma nova Diretriz Presidencial em 1998, quando os precedentes históricos são tão óbvios?

Não obstante o esforço dedicado ao planejamento, no momento da rendição do Japão surgiram debates acalorados e incessantes em Washington sobre as questões políticas relativas ao destino do Japão e ao papel dos EUA no mundo após a guerra. Neste ambiente tumultuado e com diretrizes contraditórias, o General MacArthur, conhecedor da política do Pacífico, adotou uma grande liberdade de ação na interpretação do seu mandato. Imediatamente começou a fazer sentir sua presença através da condução de atividades de auxílio humanitário, cuidando dos milhares de prisioneiros de guerra aliados, desmobilizando as FA japonesas, organizando tribunais de crimes de guerra e instaurando um governo cívico-militar. A tarefa era imensa, politicamente sensível e dinâmica.<sup>10</sup>

Com a rendição incondicional no início de setembro, o Comandante Supremo das Potências Aliadas assumiu a responsabilidade por uma nação totalmente derrotada que tinha sofrido mais de cinco milhões de baixas, cujas cidades principais estavam em ruínas e cujo setor agrícola se encontrava totalmente incapaz de produzir alimentos suficientes para o país. O Japão tinha uma população de 74 milhões, a maioria dos quais precisava de moradia e atendimento médico. Mais de cinco milhões de integrantes do Exército e da Marinha do Japão, na sua maioria estacionados fora das ilhas territoriais do país, tinham de retornar a seus lares. Além disso, surgiu também a necessidade de repatriar mais de um milhão de soldados e trabalhadores coreanos e chineses.<sup>11</sup>

MacArthur era o comandante de mais de meio milhão de soldados norte-americanos e aliados desdobrados em todo o Extremo Oriente no começo da ocupação. As atividades implícitas de reorganização, desmobilização e retorno metódico destes militares a seus países de origem provocaram problemas adicionais à principal tarefa no Japão. As tropas do Exército norte-americano, tendo acabado de vencer os japoneses em cruentos e incessantes combates, desempenharam um papel essencial ao prover apoio humanitário, assegurando a pacificação do Japão e facilitando a reconstrução da nação. As unidades norte-americanas não haviam recebido o adestramento adequado para executar esta missão, e poucos desses veteranos de combate estavam dispostos a ficarem no Japão uma vez findada a guerra.

No entanto, durante a sua permanência no país aqueles soldados se encarregaram não apenas de um programa que evitasse que os militares japoneses voltassem a ameaçar a paz, mas também empreenderam um programa de reformas radicais para fazer do Japão uma imagem dos EUA: implantaram uma nova ordem política-democrática.<sup>12</sup> Enquanto os políticos em Washington e nas outras capitais dos países aliados discutiam entre si o destino do Imperador e como deveria ser o Japão do futuro, o Comandante Supremo das Potências Aliadas imediatamente analisou a tarefa à sua frente e se pôs a trabalhar.

O Comandante Supremo das Potências Aliadas sobrelevou as mensagens contraditórias recebidas de Washington e o frustrante e contraproducente papel dos russos, alguns dos quais formavam parte do estado-maior aliado de MacArthur em Tóquio. A primeira fase da ocupação concentrou-se nos problemas relacionados com a segurança e a desmilitarização, e a segunda, nas mudanças políticas, econômicas e sociais explicitadas pelos Aliados em seus objetivos gerais e interpretados por MacArthur e seu estado-maior.<sup>13</sup>

Na realidade, as duas fases foram realizadas de forma quase simultânea, com a prioridade inicialmente atribuída às missões humanitárias e à desmilitarização.

No entanto, a atitude positiva dos japoneses em cumprir fielmente com as condições de rendição fez com que os Aliados, em pouco tempo, se despreocupassem por problemas eventuais de segurança. MacArthur e seu estado-maior viram-se obrigados a tomar decisões que teriam repercussões, a longo prazo, na futura modernização e no desenvolvimento político do Japão. O destino e o futuro papel do imperador e os tribunais de crimes de guerra eram os assuntos mais discutidos e mais voláteis, mas diversos problemas relacionados com a satisfação das necessidades básicas da população eram também importantes para manter a estabilidade e a paz no Japão. Outras decisões sobre a implementação das políticas mais propícias para o desenvolvimento econômico e político, empregando a burocracia japonesa existente e futuras estruturas governamentais, não eram menos complicadas. Aqueles encarregados do planejamento, tomada de decisões e implementação de programas eram, na sua maioria, oficiais militares que baseavam suas ações nas diretrizes confusas e inconsistentes emitidas por Washington.

Os oficiais de estado-maior desempenharam o papel crítico de interpretar as políticas e assegurar o devido cumprimento das diretivas relacionadas com o governo japonês de pós-guerra. A desmobilização do Exército e da Marinha do Japão, a destruição de suas indústrias e materiais de guerra, a distribuição de abastecimentos humanitários e a repatriação de soldados e trabalhadores foram realizadas, em geral, pelos japoneses sob a supervisão de militares norte-americanos. O pessoal do Exército dos EUA estava diretamente envolvido na redação de uma nova constituição japonesa, a instituição de reformas políticas e educacionais, e no planejamento de mudanças sociais, políticas, e econômicas radicais, incluindo a reforma agrária, a “limpeza” de líderes militares e industriais e a formação de sindicatos.

As unidades de combate do Exército, desdobradas em todas as ilhas japonesas, realizavam patrulhas com o objetivo de impedir o adestramento militar ilícito, o estabelecimento de esconderijos de armas e toda a atividade ilegal e do mercado negro. Somado a isso, as unidades de infantaria também prestavam serviço como polícia do exército e civil a fim de manter a paz e estabelecer a presença norte-americana em todas as áreas do país.<sup>14</sup> Entretanto, o fanatismo japonês para trabalhar com os norte-americanos e implementar a paz superou seu fanatismo pela guerra. A disciplina entre o povo japonês e os soldados norte-americanos foi amplamente caracterizada como milagrosa. O “milagre” foi resultante da liderança militar, do bom planejamento e organização, em conjunto com um entendimento profundo da população e da cultura japonesa obtido através de um estudo minucioso.

A força de ocupação inicial, composta de mais de



Fotos: Departamento de Defesa.

*General Douglas MacArthur e o Imperador Hirohito durante sua visita, sem precedentes, ao Comando Supremo das Forças Aliadas na Embaixada dos EUA em Tóquio, em 27 de setembro de 1945.*

400.000 soldados do VI e VIII Exércitos norte-americanos foi, sem dúvida, desnecessária, dada à atitude e às ações adotadas pela população japonesa. Somando-se a isso, o povo norte-americano, já cansado da guerra, insistiu com o retorno rápido à pátria de seus compatriotas uniformizados.

*A atitude positiva dos japoneses em cumprir fielmente com as condições de rendição fez com que os Aliados, em pouco tempo, se despreocupassem por problemas eventuais de segurança. MacArthur e seu estado-maior viram-se obrigados a tomar decisões que teriam repercussões, a longo prazo, na futura modernização e no desenvolvimento político do Japão.*

O ritmo da desmobilização dos Estados Unidos causou a redução acelerada do total de tropas disponíveis para prestar serviços no Extremo Oriente. No início de 1946, o VI Exército já tinha partido e o VIII Exército ficou com um efetivo de menos de 200.000 homens.<sup>15</sup> Com um efetivo de 8 milhões no final da II GM, o Exército dos EUA foi reduzido para 592.000 homens e 10 divisões em 1949. Quatro dessas divisões — a 1ª de Cavalaria, e a 7ª, a 24ª e a 25ª de Infantaria — participaram na ocupação do Japão.<sup>16</sup> A 24ª divisão desdobraria as primeiras tropas norte-americanas na Coréia.

## A 24ª Divisão de Infantaria

*Foram informados que essa seria uma ação policial, e que logo estariam de regresso à sua guarnição no Japão. Dava gosto pensar nisso, pois a vida no Japão era muito boa. Quase todos tinham seu próprio lustrador de sapatos e sua própria musame (empregada); em um país onde um tenente norte-americano ganhava quase tanto quanto um ministro, até mesmo um soldado raso podia viver muito bem. E o adestramento não era muito árduo.*<sup>17</sup>

Em 1949, a 24ª Divisão de Infantaria se encontrava no terceiro ano de serviço como força de ocupação na ilha de Kyushu, ao sul das demais ilhas principais do Japão. Em maio de 1946 a Divisão havia completado seu deslocamento para essa ilha localizada no outro lado do Estreito de Tsushima (Coreia). A grande base naval de Sasebo e a cidade de Nagasaki se encontravam

***O fanatismo japonês para trabalhar com os norte-americanos e implementar a paz superou seu fanatismo pela guerra. A disciplina entre o povo japonês e os soldados norte-americanos foi amplamente caracterizada como milagrosa. O “milagre” foi resultante da liderança militar, do bom planejamento e organização, em conjunto com um entendimento profundo da população e da cultura japonesa obtido através de um estudo minucioso.***

em Kyushu, onde havia pouco terreno disponível para polígono de tiro e nenhum para a condução de manobras. Depois que a 2ª Divisão do Corpo de Fuzileiros Navais e a 32ª Divisão de Infantaria se desdobraram por breve período, a 24ª Divisão de Infantaria passou a ser a única responsável por toda a ilha, executando todos os deveres implícitos à ocupação, até a eclosão da Guerra da Coreia.

Oficialmente, a 24ª Divisão assumiu as responsabilidades relacionadas com a ocupação no dia 16 de junho de 1946, encarregando-se de suprimir vários distúrbios de menor escala provocados pela fraternização e pelo antagonismo entre os japoneses e os trabalhadores coreanos ainda não repatriados. A Divisão também se ocupou de resolver os problemas da escassez de alimentos entre os japoneses, do funcionamento dos tribunais civis e militares, e da provisão de intérpretes para apoiar as atividades de reconstrução e desenvolvimento.

As atividades de adestramento e as operações continuavam. A Divisão realizava extensas patrulhas, conduzia exercícios de tiro, missões de reconhecimento

para ver onde podia estabelecer polígonos de tiro para a artilharia e criou uma escola divisionária. Assumiu, também, a responsabilidade de organizar um centro de repatriação. Previu-se a construção de clubes, instalações para a Cruz Vermelha e de melhores áreas de lazer para as tropas.<sup>18</sup> Kyushu iria servir de base para a 24ª Divisão de Infantaria no futuro próximo.

A Ordem de ocupação Número 5, emitida pelo Comandante Supremo das Potências Aliadas, datada 1º de outubro de 1949, designou ao VIII Exército, o quartel general superior de todas as divisões do Exército desdobradas no Japão, a tarefa de garantir que os japoneses cumprissem com todas as ordens e instruções recebidas. Entre seus deveres principais destacavam-se o desenvolvimento da economia a fim de poder alimentar e abrigar a população japonesa; supervisionar o processo contínuo de repatriação e executar aquelas missões e diretrizes relacionadas com o desenvolvimento social, cultural e econômico do país. As instruções estabeleciam:

“(6) As operações devem ser conduzidas de tal forma que as forças estejam permanentemente preparadas para :

- (a) O combate.
- (b) Reprimir qualquer desordem, perturbação da ordem pública ou qualquer outra disputa.
- (c) No caso de um desastre no Japão:
  1. Manter a ordem.
  2. Atenuar o sofrimento humano providenciando auxílio de emergência.
  3. Prestar auxílio ao governo japonês segundo a necessidade.
  4. Realizar a reabilitação de emergência das instalações japonesas afetadas.”<sup>19</sup>

Os documentos emitidos pelos altos escalões deixam claro que, oito meses antes de estalar as hostilidades na península coreana, as unidades subordinadas tinham de cumprir a missão de estar preparadas para o combate. No entanto e apesar disso, ficou bem claro que esta não era considerada uma missão prioritária nem recebia atenção especial. Como foi organizada a 24ª Divisão de Infantaria para cumprir a referida missão e quão preparada estava para o combate? Qual a situação da liderança e do moral da tropa? Um analista assegura que, “sem exagero, podia-se afirmar que as unidades do VIII Exército não se encontravam totalmente preparadas para a guerra”.<sup>20</sup>

No início de 1949, o efetivo total da 24ª Divisão de Infantaria era de aproximadamente 10.700 homens, bem menos que os 18.900 previstos para os tempos de guerra. Nenhum dos três regimentos de infantaria — o 19º, o 21º e o 34º — contava com o devido complemento de três batalhões. O 19º Regimento possuía apenas um batalhão, uma companhia de comando e uma companhia



Força-Tarefa Smith desembarcando em Taejeon, 2 de julho de 1950.

de um segundo batalhão. O 21º Regimento estava composto de um batalhão e duas companhias de comando. Entre os três o 34º Regimento é o que se encontrava em melhores condições no sentido organizacional, pois estava dotado dos três batalhões menos uma companhia. O 52º Regimento de Artilharia também estava incompleto e devido à insuficiência de polígonos de tiro, só podia realizar exercícios desse tipo uma vez por ano. Somado a um rodízio acelerado de pessoal e as contínuas missões como parte da força de ocupação — fatores que impediam os soldados de receber o adestramento necessário — a situação relativa à tropa era preocupante.

Talvez mais importante que a situação descrita sobre o pessoal, eram as condições do equipamento. As unidades estavam dotadas de armas empregadas na II GM. Além disso o estoque de munições estava baixo, e a divisão dispunha apenas de “treze projéteis de munição anticarro de alto explosivo (*High-Explosive Antitank — HEAT*)”.<sup>21</sup> A situação das armas coletivas e das viaturas era mais ou menos a mesma. Os meios à disposição eram antigos e desgastados e a escassez de peças de reparação dificultava a sua manutenção. No Japão não havia nenhuma unidade blindada em condições de conduzir operações, e este foi precisamente o elemento crítico

nas batalhas que estavam por irromper na Coreia. Os carros de combate disponíveis eram M-24 leves, em péssimas condições de manutenção.

*Em 25 de junho de 1950, o Exército Popular da Coreia do Norte iniciou uma operação ofensiva em grande escala contra a República da Coreia. Além de alguns assessores militares que serviam no Grupo de Assessores Militares na Coreia, eram poucas as tropas norte-americanas na península.*

Em 1949, quando o *Lieutenant General* Walton E. Walker assumiu o comando do VIII Exército enfatizou sobremaneira e, imediatamente, instituiu um novo programa de adestramento. Este programa estava apenas começando a surtir efeitos positivos quando eclodiu a guerra. As unidades haviam conduzido atividades de adestramento tanto no nível individual como coletivo, contudo eram poucas as instalações adequadas para realizar o emprego das armas de tiro indireto, canhões de recuo e armas anticarro. Essa falta de capacidade para

destruição de carros de combate foi uma deficiência-chave na batalha contra os norte-coreanos. Batalhões e unidades maiores não tinham possibilidade alguma para um adestramento conjunto impossibilitando o desenvolvimento da interoperabilidade e da perícia tão necessárias em operações de armas combinadas. Isso constituir-se-ia em uma deficiência significativa para a FT Smith.

Mesmo assim, “o ponto mais fraco do Exército norte-americano não foi as condições de suas armas e equipamentos, por pior que tenham sido. O Exército norte-americano, desde 1945, cada vez mais, ostentava um comportamento próprio de civis devido à insistência do público. Usavam uniformes, mas eram civis de coração”.<sup>22</sup> O estilo de vida dos oficiais e dos integrantes da força de ocupação fomentava um ambiente informal típico de um “exército colonial”. No entanto, este é um ponto contencioso: é difícil acreditar que o regime cotidiano do Exército dos EUA no Japão tenha sido mais descontraído que o das unidades baseadas no território continental dos EUA.

As ações posteriormente realizadas por tropas norte-americanas, com o mesmo adestramento e preparação, procedentes de um ambiente igualmente descontraído e “com características civis”, produziram vitórias importantes em questão de poucos meses. Muitos dos oficiais e sargentos eram veteranos da II GM, e os Estados Unidos ainda mantinham a superioridade técnica em suas forças aéreas e navais. Esses fatores ajudaram a mitigar as deficiências iniciais do Exército dos EUA na península coreana. Na Guerra do Golfo Pérsico, muitos dos oficiais e sargentos de maior antigüidade eram veteranos da Guerra do Vietnã, e os meios aéreos e navais dos EUA e dos seus aliados eram tecnologicamente superiores, assim como haviam sido na Coréia. Talvez seja prudente lembrar que depois de Inchon, não foi o Exército da Coréia do Norte quem derrotou as forças da ONU, mas sim uma contra-ofensiva em massa lançada pelo Exército chinês.

Outro ponto de debate é a atitude dos líderes civis e militares, inclusive dos soldados, de considerar que a guerra — especialmente a guerra terrestre — já não era possível na Era Atômica. No entanto, as insurreições inspiradas ou até mesmo apoiadas pelos comunistas na Grécia, Vietnã e Malásia, a recente derrota dos nacionalistas chineses em 1949, não obstante o apoio recebido dos EUA, e a contínua consolidação do poder soviético na Europa Oriental no final da década de 1940, fazem crer, retrospectivamente, que as advertências deveriam ter sido óbvias. Nem todos deixaram de prestar atenção a tais advertências; “os melhores líderes — Walker, Stephens, o Comandante do Regimento e Smith — sabiam que a guerra era ainda uma possibilidade e lutavam contra todos os obstáculos”.<sup>23</sup> O erro ocorreu no

nível estratégico, quando o Exército não previu, de forma adequada, as suas futuras necessidades táticas.

## Força-Tarefa *Smith*

Smith, veterano do ataque contra Pearl Harbor lançado no dia 7 de dezembro de 1941 e posteriormente comandante do 1º Batalhão do 21º Regimento de Infantaria — os *Gimlet* (os brocas) — da 24ª Divisão, de repente viu-se lançado em outra guerra, uma que não havia previsto e para a qual sua unidade não estava totalmente preparada. Literal e simbolicamente Smith iria conduzir os EUA à guerra, pela segunda vez em dez anos.<sup>24</sup>

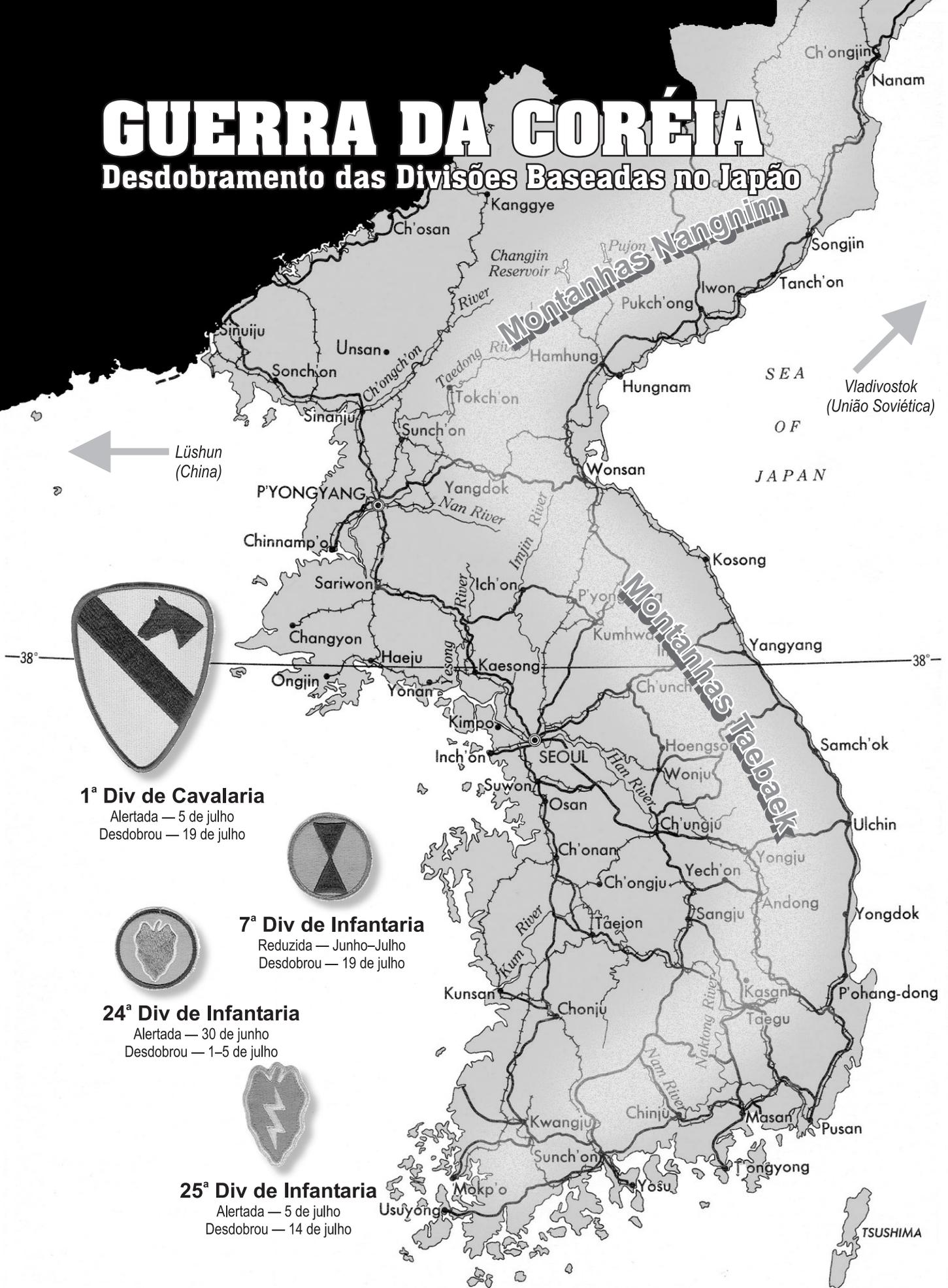
Respondendo a uma pergunta feita por um aluno da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, o *Brigadier General* (Res) Smith, cujo nome foi dado à força-tarefa em questão, considerou os relatos escritos por Fehrenbach, Appleman e Eric Ludno no artigo publicado em fevereiro de 1992 na revista *Army* como “objetivos e corretos”.<sup>25</sup> Essas três fontes são mencionadas com frequência no breve relato sobre as atividades da unidade no Japão e na Coréia em julho de 1950.

Em 25 de junho de 1950, o Exército Popular da Coréia do Norte iniciou uma operação ofensiva em grande escala contra a República da Coréia. Além de alguns assessores militares que serviam no Grupo de Assessores Militares na Coréia, eram poucas as tropas norte-americanas na península. Uma decisão do comandante do referido Grupo, *Brigadier General* William L. Roberts, que retornava aos EUA quando o ataque teve início, havia sido recentemente citada na revista *Time*: “Fora os EUA, o melhor Exército pertence aos coreanos do sul”.<sup>26</sup> As oito divisões do Exército da República da Coréia, que não contavam com carros de combate e artilharia adequada, e os integrantes do Grupo de Assessores Militares foram surpreendidos pelo ataque e no dia 27 de junho, a resistência já desmoronava em todo o país.<sup>27</sup> No dia seguinte, “apenas uma meia dúzia de homens esfarrapados mantinha as margens meridionais do Han”.<sup>28</sup> No dia 30 de junho, baseado em uma apreciação pessoal de MacArthur “no terreno”, seguida de uma petição de recorrer ao poder militar, o presidente Harry S. Truman autorizou o deslocamento de duas divisões norte-americanas para a Coréia.<sup>29</sup>

Estando em condição de alerta desde o dia 28 de junho, a Força-Tarefa *Smith* na verdade foi organizada ao anoitecer do dia 30 de junho.<sup>30</sup> O Tenente-Coronel Smith, comandante do 1º Batalhão do 21º Regimento de Infantaria comandaria a primeira formação de combate do Exército dos EUA a ser desdobrada na Coréia. Imediatamente solicitou reforço de pessoal para as unidades e organizou uma força-tarefa de infantaria-artilharia com pouco mais de 400 homens emprestados de

# GUERRA DA COREIA

## Desdobramento das Divisões Baseadas no Japão



### 1ª Div de Cavalaria

Alertada — 5 de julho  
Desdobrou — 19 de julho



### 7ª Div de Infantaria

Reduzida — Junho-Julho  
Desdobrou — 19 de julho



### 24ª Div de Infantaria

Alertada — 30 de junho  
Desdobrou — 1-5 de julho



### 25ª Div de Infantaria

Alertada — 5 de julho  
Desdobrou — 14 de julho



*Kenji Dohihara ouve sua sentença de morte nos tribunais de crimes de guerra em Tóquio em 12 de novembro de 1948. O ex-general comandou a Seção de Serviços Especiais na Manchúria durante a Guerra.*

outros regimentos e da divisão. A FT *Smith* preparou-se para se deslocar para a Coréia com a missão de “deter os coreanos do norte o mais longe possível de Pusan”.<sup>30</sup>

No dia 5 de julho, apenas cinco dias após receber a ordem no Japão, a FT *Smith* desdobrou-se para realizar uma ação retardadora ao sul de Osan, na Coréia. Com tropas e voluntários adicionais, a FT

***Os oficiais de maior hierarquia na cadeia de comando dos EUA, inclusive o próprio MacArthur e algumas de suas tropas, acreditavam que quando o Exército Popular da Coréia do Norte percebesse que os norte-americanos já se encontravam na Coréia e que estavam desdobrando forças adicionais, a invasão seria interrompida.***

contava agora com 540 soldados. Pouco depois das 0800 horas, equipes de artilharia e meios anticarro da FT *Smith* dispararam contra uma formação de CC *T-34* fornecidos pelos soviéticos aos coreanos do norte. Entretanto, a coluna blindada do Exército Popular da Coréia do Norte continuou avançando e Smith preparou sua unidade para enfrentar o inevitável assalto da infantaria inimiga. Devido principalmente à escassez de munição, à abundância de projéteis falhados e as armas inadequadas à sua disposição — e não falta de valentia, coerência ou liderança — a FT só pode destruir ou danificar seis

CC inimigos dentre os mais de trinta que engajou.

Aproximadamente uma hora depois, foi detectada uma coluna de segundo escalão e a FT *Smith* disparou assim que esse elemento inimigo se encontrou dentro do seu raio de ação. Entretanto, ao entardecer a posição estava a ponto de sofrer um ataque de flanco e as comunicações com a unidade de artilharia na retaguarda já haviam sido cortadas. Após vários esforços malsucedidos para estabelecer contato com os meios de artilharia e convencido de que haviam sido destruídos pelos CC inimigos, Smith finalmente ordenou a retirada. Foi durante esta retirada sob fogo, uma manobra muito difícil, que a unidade se dispersou sofrendo muitas baixas. Ao retroceder, Smith descobriu que a artilharia ainda se mantinha intacta, sob seu comandante, o Tenente-Coronel Perry; eles inutilizaram os canhões e completaram a retirada. Os norte-coreanos não perseguiram os norte-americanos em retirada, mas mesmo assim 180 homens da FT *Smith* foram mortos, feridos ou desapareceram, em comparação com 127 norte-coreanos feridos e mortos.<sup>31</sup> Apesar desta derrota, a unidade conseguiu retardar o avanço dos coreanos do norte.

Os oficiais de maior hierarquia na cadeia de comando dos EUA, inclusive o próprio MacArthur e algumas de suas tropas, acreditavam que quando o Exército Popular da Coréia do Norte percebesse que os norte-americanos já se encontravam na Coréia e que estavam desdobrando forças adicionais, a invasão seria interrompida.<sup>32</sup> Fatores como o excesso de autoconfiança, esperança, subestimação do inimigo e “arrogância” parecem ter incidido no ambiente, no moral e na motivação dos comandantes e comandados tanto da FT *Smith*, como também dos altos escalões. Entretanto, se considerados os elementos da tarefa, da missão e dos riscos, o desempenho da FT *Smith* é digno de elogio.

Embora a FT *Smith* pudesse ter tido um melhor desempenho, pode-se afirmar que os dois regimentos restantes da 24ª Divisão obtiveram resultados muito piores. Mesmo assim, a divisão continuou retardando a ação do Exército Popular da Coréia do Norte, sofrendo muitas baixas (inclusive a captura do seu comandante), e combateram até receber auxílio da 1ª Divisão de Cavalaria em 22 de julho.<sup>33</sup> O perímetro de Pusan resistiu à investida inimiga e no início do outono foi lançada uma bem-sucedida contra-ofensiva. A 24ª Divisão, reorganizada e reforçada, se sobressaiu em combate mais tarde na guerra. Smith continuou a comandar o 1º Batalhão do 21º Regimento de Infantaria até o mês de novembro de 1950.<sup>34</sup>

## **Considerações**

Atualmente herdamos os problemas e as responsabilidades que os japoneses enfrentaram e sobrepujaram na região da Coréia-Manchúria durante quase meio

século, e existe certa justiça perversa nos problemas que estamos sofrendo sob o peso de um jugo que, quando carregado por outros, considerávamos de pouca importância. O mais triste de tudo é que poucas pessoas são capazes de discernir a relação entre o passado e o presente. No fim das contas, se não aprendermos com nossos próprios erros, dificilmente aprenderemos as lições oferecidas por qualquer outra experiência.<sup>35</sup>

Em todos os níveis do setor de defesa durante o período de 1945 e 1950, erros de omissão e de execução levaram os líderes do Exército Popular da Coreia do Norte a pensar que poderiam atacar e derrotar uma força militar apoiada por assessores e meios logísticos dos EUA. O Exército Popular da Coreia do Norte estava convencido que poderia triunfar antes que o poderio militar dos EUA se dispusesse a contra-atacá-lo. Um elemento óbvio desta equação foi a necessidade de MacArthur, seu estado-maior, do VIII Exército e suas unidades subordinadas prosseguirem com a vital tarefa estratégica de desmilitarizar e democratizar o Japão, o “inimigo mais estranho jamais enfrentado pelos EUA em uma guerra total”.<sup>36</sup>

Meio século atrás os EUA ignoraram a ameaça em potencial que continua até os dias de hoje. A Guerra da Coreia ainda não findou, e os EUA continuam sofrendo baixas. Esta foi a primeira operação norte-americana importante apoiada pela ONU, e desde o fim da Guerra Fria elas têm-se multiplicado. A pergunta a seguir é óbvia e merece uma resposta: Aprendemos alguma coisa nos últimos 50 anos, desde a referida guerra?

As lições derivadas da ocupação do Japão e da experiência tática obtida pela Força-Tarefa *Smith* em combate são consideradas, com frequência, como “um exemplo de despreparo”. Mais do que isto, essas lições oferecem, por um lado, o estudo do equilíbrio entre os objetivos da nação e, por outro, suas capacidades verdadeiras e sua vontade de empregá-las. É um estudo das decisões e dos planos feitos por líderes que desconheciam a história, a cultura e as ideologias de uma população estrangeira, bem como a situação geopolítica da região. É um estudo sobre a dependência da tecnologia inapropriada ou da tecnologia adequada porém mal integrada ao instrumento total de poder e da arrogância resultante do êxito obtido no último combate. É um estudo das percepções de muitos líderes-chave que só enxergam o mundo através da ótica de suas próprias ilusões e ficam cegos diante da realidade.

Um autor descreve o “panorama do Novo Mundo, no ambiente pós-Guerra Fria, mostrando que as tendências atualmente em desenvolvimento pressagem o surgimento de um maior número de conflitos. No entanto, ao mesmo tempo demonstra que este é um mundo diferente, onde as nações provavelmente se encontram imersas em conflitos internos e internacionais.<sup>37</sup>

A ocupação do Japão e o destino enfrentado pela FT

*Smith* sugerem que na presente época pós-Guerra Fria estamos procurando soluções tanto nos lugares mais apropriados como também nos mais inapropriados. A tecnologia é apenas uma resposta parcial aos problemas que enfrentamos para poder alcançar os objetivos nacionais no século XXI. Os conhecimentos e planejamentos regionais, uma força conjunta melhor integrada, a capacidade para entender e avaliar os meios à disposição de nossos aliados e amigos para assim colaborar mais eficazmente com eles, e um entendimento total das capacidades de nossos inimigos, são todos fatores que, em conjunto, não podem nos oferecer nada mais do que soluções parciais. As verdadeiras soluções não podem ser compradas, elas devem ser alcançadas através do estudo e da prática.

Os líderes militares de mais alto escalão em Washington devem orientar os integrantes dos poderes executivo e legislativo, incluindo seus gabinetes, carentes de experiência militar, para que entendam os riscos e os perigos implícitos na decisão de empregar a força militar em um espectro de atividades cada vez mais complexo e variado. Nossos líderes políticos devem conceder às Forças Armadas os meios adequados para obter o melhor equilíbrio entre pessoal, equipamento, adestramento e estrutura para formar a força e os líderes com condições de enfrentar os desafios do futuro com confiança e inteligência.

No nível operacional, os comandantes-em-chefe nos teatros de operações, isto é, os generais MacArthur de hoje, devem prever, planejar, equilibrar e conduzir as atividades militares, tanto na guerra como nas operações de não guerra, com a melhor combinação de elementos conjuntos, multinacionais e interagências em uma força desdobrada no lugar e hora certos. Isto não significa que se exija uma força de combate com supremacia, pois o que talvez pareça ser a solução mais simples pode resultar, a longo prazo, em algo extremamente oneroso. Os ataques da Força Aérea e da Aviação Naval norte-americana contra as próprias forças e as da República da Coreia nos primeiros dias do conflito da Coreia foram uma tragédia que aumentou os problemas enfrentados pela 24ª Divisão de Infantaria. É ainda mais do que trágico que esse fato continue ocorrendo ainda hoje, figurativa e literalmente, sem que exista uma equipe realmente conjunta que possa alcançar a interoperabilidade em operações realmente coerentes e eficazes executadas pelas múltiplas instituições armadas.

No nível tático, isto é, o da FT *Smith*, insistimos que um soldado disciplinado e bem adestrado para cumprir sua missão bélica pode cumprir “qualquer tarefa de não guerra” a ele designada, devendo-se isto, em parte, à prioridade atribuída ao emprego das verbas, horas e instalações a nossa disposição para ensaiar a missão de “lutar e triunfar”. Se isso significa que só estamos preparados para oferecer reações *ad hoc* nas chamadas

Operações de Estabilidade e Apoio e que aceitaremos tanto um fracasso ou talvez um empate em situações como aquelas enfrentadas em Ruanda, na Somália e no Haiti, então estamos falhando com a nossa nação. Quanto aos Bálcãs, temos a missão de ganhar a paz, ou é nosso objetivo simplesmente nos proteger até o momento em que recebamos a ordem de retornar? O que faria MacArthur na Bósnia ou em Kosovo?

Felizmente não perdemos o Japão para salvar a Coreia. Contudo, e sem dúvida alguma, teria sido bem melhor ganhar a guerra e a paz, com menos baixas. A

consolidação e a manutenção da paz, a dissuasão da guerra e, em caso desta fracassar, a vitória na guerra, são exigências da Estratégia Militar Nacional. A segurança nacional exige que preparemos os futuros líderes do Exército, a estrutura da força, o equipamento e o adestramento para poder cumprir com todas as exigências anteriormente mencionadas. O êxito obtido com a ocupação do Japão e os sacrifícios sofridos pela FT *Smith*, oferecem muitas lições que podemos aplicar diretamente — nos níveis tático, operacional e estratégico — ao Exército e à força conjunta de hoje. **MR**

---

---

## Referências

1. Gordon R. Sullivan, "No More Task Force Smiths", entrevistado por L. James Binder na revista *ARMY* (Janeiro de 1992), p. 21.
2. Jim Tice, "Anybody Home?", *Army Times* (17 de abril de 1995), p. 21.
3. *Ibid.*, p. 2.
4. Departamento de Defesa, Gabinete do Chefe do Estado-Maior Conjunto, National Military Strategy of the United States of America (Washington DC: Imprensa do Governo dos EUA, fevereiro de 1995), p. i.
5. A consolidação da paz consiste nas ações realizadas depois de terminado um conflito, principalmente no âmbito diplomático, que permitem fortalecer e reconstruir a infra-estrutura e as instituições civis para evitar um retorno ao conflito. A imposição da paz é a aplicação da força militar ou a ameaça de empregar a mesma, normalmente com autorização de um organismo internacional, para obrigar aos beligerantes a cumprir com as resoluções e sanções geralmente aceitas. A manutenção da paz implica na condução de operações militares ou paramilitares com o consentimento de todos as partes beligerantes. Departamento do Exército, Manual de Campanha 100-23, Operações de Paz (Washington DC: Departamento do Exército, 30 de dezembro de 1994), pp. 2-6.
6. Charles E. Heller e William A. Stofft, *America's First Battles: 1776-1965* (Lawrence, Kansas: University Press of Kansas, 1986), p. 266.
7. Walt Sheldon, *The Honorable Conquerors: The Occupation of Japan 1945-1952* (Nova York: MacMillan Company, 1965), p. 39.
8. *Ibid.*, pp. 40-41.
9. Robert Wolfe, editor, *American Proconsuls: United States Government in Germany 1944-1952* (Carbondale, Illinois: Southern Illinois University Press, 1994), pp. 3-54.
10. Kenneth B. Pyle, *The Making of Modern Japan* (Lexington, Massachusetts: Heath and Company, 1978), pp. 151-55.
11. Sheldon, pp. 40-41.
12. Pyle, pp. 151-55.
13. Charles Willoughby e John Chamberlain, *MacArthur: 1941-1951* (Nova York: McGraw-Hill, 1954), pp. 300-328.
14. Vigésima Quarta Divisão de Infantaria, "Occupation History of the 24<sup>th</sup> Infantry Division: 1-21 January 1946", Arquivos da Biblioteca de Pesquisa das Armas Combinadas no Forte Leavenworth, Kansas.
15. *Ibid.*, pp. 151-55.
16. Roy E. Appleman, *South to the Naktong, North to the Yalu* (Washington, DC: Imprensa do Governo dos EUA, 1961), p. 49.
17. T.R. Fehrenbach, *This Kind of War: A Study in Unpreparedness* (Nova York: MacMillan Company, 1963; Reimpresso no Forte Leavenworth, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, 1994), p. 100.
18. Vigésima Quarta Divisão de Infantaria, "The Occupation of Japan: A Unit History of the Twenty-fourth Infantry Division for May 1946" (Okayama, Honshu, Japão), Arquivos da Biblioteca de Pesquisa das Armas Combinadas no Forte Leavenworth, Kansas.
19. Comandante Supremo das Potências Aliadas, *Occupation Instructions No. 5, APO 500* (Tóquio, Japão: 1º de outubro de 1949), arquivos da Biblioteca de Pesquisas das Armas Combinadas no Forte Leavenworth, Kansas, p. 3.
20. Heller e Stofft, pp. 269-75.
21. *Ibid.*, p. 274.
22. Fehrenbach, p. 91.
23. Heller e Stofft, pp. 274-75.
24. *Ibid.*, p. 266.
25. C.B. *Smith*, no Estado do Arizona, a Kenneth W. Carrol, no Estado de Missouri, 15 de março de 1992.
26. Fehrenbach, p. 17.
27. *Ibid.*, p. 76.
28. *Ibid.*, p. 90.
29. Eric C. Ludvigsen, "An Arrogant Display of Strength", revista *ARMY* (janeiro de 1992), pp. 36-45.
30. *Ibid.*
31. Appleman, pp. 59-76.
32. *Ibid.*, pp. 60, 70, 73.
33. Fehrenbach, pp. 124-47.
34. Ludvigsen, p. 45.
35. George F. Kennan, *American Diplomacy: 1900-1950* (Chicago: University of Chicago Press, 1951), p. 49.
36. Ruth Benedict, *The Chrysanthemum and the Sword: Patterns of Japanese Culture* (Rutland, Vermont: Charles E. Tuttle Company, 1954), p. 1.
37. "Looking in All the Wrong Places?", *Armed Forces Journal* (maio de 1995), p. 39.

---

---

*O Tenente-Coronel Joseph G.D. Babb é atualmente instrutor na Divisão de Operações de Não Guerra, do Departamento de Operações Conjuntas e Multinacionais, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, no Forte Leavenworth, Kansas. Possui o título de Bacharel em Artes pelo Bowdoin College, o de Mestre em Administração de Empresas pela Clark University, o de Mestre em Artes pela University of Kansas, e é graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Serviu em várias funções de comando e como analista no território continental dos EUA e no Havaí, inclusive como oficial de inteligência, no 10º Grupo de Forças Especiais (Para-quedista), no Forte Devens, Massachusetts; analista das forças terrestres chinesas, na Agência de Inteligência de Defesa, em Washington, DC; oficial de ligação da Agência de Inteligência de Defesa, junto ao Centro de Comando Militar Nacional em Washington DC; analista de maior antiguidade especializado em assuntos da China e subdiretor de inteligência atual, no Quartel General do Comando do Pacífico das FA dos Estados Unidos, localizado no Acampamento H. M. Smith, Havaí; oficial administrativo no Gabinete do Subchefe de Estado-Maior para Operações, Exército dos EUA no Pacífico com enfoque no nordeste da Ásia/Austrália/Nova Zelândia/Estados Unidos, no Forte Shafter, Havaí; e chefe de Estudos Estratégicos no Departamento de Operações Conjuntas e Combinadas. Seu artigo, Prairie Warrior 96: Special Operations, foi publicado na revista Military Review, edição em inglês, de julho-agosto de 1996.*